



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

**FALTA ESPAÇO E SOBRA CALOR NO EDI! NARRATIVAS DE UMA
PROFESSORA DE EDUCAÇÃO INFANTIL DA SME-RJ**

TUANNY CHRISTINE CRUZ FERREIRA

RIO DE JANEIRO

2015

FALTA ESPAÇO E SOBRA CALOR NO EDI! NARRATIVAS DE UMA PROFESSORA
DE EDUCAÇÃO INFANTIL DA SME-RJ

TUANNY CHRISTINE CRUZ FERREIRA

Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado à Escola de Educação
da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como
requisito final para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Marcio da Costa Berbat (Orientador)
Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro - UNIRIO

Rio de Janeiro
Junho
2015

FALTA ESPAÇO E SOBRA CALOR NO EDI! NARRATIVAS DE UMA PROFESSORA
DE EDUCAÇÃO INFANTIL DA SME-RJ

TUANNY CHRISTINE CRUZ FERREIRA

Avaliada por:

Data: ____/____/____

Adrienne Ogêda Guedes

Departamento de Didática – Escola de Educação
Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro - UNIRIO

"Lutar pelo advento de uma sociedade na qual a criança possa desenvolver-se integralmente, o mais humana e harmoniosamente possível, criar o clima favorável ao seu desabrochar, que desejamos e preparamos, é um dos primeiros deveres pedagógicos."

Célestin Freinet

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a minha querida mãe, que com firmeza e amor foi imprescindível em todos os momentos da minha vida.

Ao meu amado pai que com simplicidade e cuidado sempre me entendeu e me apoiou durante toda a minha trajetória.

Ao meu irmão Stanley que chegou para dividir os espaços e a atenção comigo, mas ao longo dos anos somou muitas coisas boas a minha vida, acreditando na minha capacidade mais do que eu mesma.

Ao Thales, meu amado, amigo e namorado que alegra os meus dias e encheu meu coração de amor.

A vocês, que com brilho no olhar se orgulhavam a cada uma das minhas conquistas, e que foram à razão da minha perseverança nessa longa caminhada.

A cada um dos meus lindos alunos, que abrilhantam a minha vida com os sorrisos, beijos e abraços de todas as manhãs, fazendo todo o meu esforço valer a pena.

E a minha amada e saudosa vizinha (in memoriam) que com muita ternura e cheia de amor, me chamada de “minha professorinha”.

AGRADECIMENTOS

Aquele que me ama e tem cuidado de mim desde o ventre da minha mãe. A Deus, que mesmo eu sendo falha e pecadora com misericórdia e justiça vai a minha frente em todas as batalhas, me possibilitando vitórias no momento certo. Não sou digna de tanto amor, mas sou grata por ter me escolhido.

A minha grande e preciosa família, que eu não trocaria por nada. Obrigada por serem minha base.

A minha tia coruja Sônia, que se alegrou mais do que eu com a aprovação no vestibular, e com o coração cheio de orgulho contava a todos a minha vitória. A senhora tem muito valor para mim.

Aos meus padrinhos Zuleica e Reginaldo, por me permitirem escolher vocês, e estarem sempre presentes nos momentos mais importantes da minha vida. Amo vocês.

As amigas que ganhei ao longo da vida, Ana Beatriz Cavalcante, Jéssica Sodré, Lorelay Brandão e Tallita Oliveira. É bom ter em quem confiar. Vocês são benção do Senhor na minha vida.

Aquelas que serão herança da graduação, Ana Queiroz, Débora Britto, Jéssica Boscato, Lohraíne Pacheco e Rafaela Rodrigues. Obrigada por todo auxílio, parceria, amizade e companheirismo.

À professora Adrienne Ogêda Guedes, por ter aceitado generosamente ler e avaliar este trabalho.

Aos mestres que ao longo da vida cruzaram meu caminho, e foram mais do que competentes professores. Foram amigos em excelência e exemplos a serem seguidos. E em especial ao meu querido orientador Marcio da Costa Berbat, que com paciência, compreensão e carinho tornou esse trabalho possível.

TUANNY CHRISTINE CRUZ FERREIRA. **FALTA ESPAÇO E SOBRA CALOR NO EDI! NARRATIVAS DE UMA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO INFANTIL DA SME-RJ.** Brasil, 2015, 50 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Escola de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

RESUMO

O objetivo da pesquisa refere-se ao espaço e temperatura nas salas de aula da Educação Infantil, através das minhas vivências como aluna durante os anos em que estive na educação básica e também na universidade, e das narrativas sobre a minha experiência como professora da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Fazendo um breve relato histórico sobre a creche no Brasil, e a partir da análise de documentos do Ministério da Educação e da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, dialogando sobre os padrões de estrutura para instituições que hoje atendem crianças na faixa etária da creche. A importância da utilização das áreas externas para o desenvolvimento das crianças, e como a precarização do espaço escolar e o desconforto ambiental ocasionado pelas altas temperaturas influenciam no comportamento e nas rotinas de professores e alunos.

Palavras-chave: espaço; calor; educação infantil.

ABSTRACT

The objective of the research refers to space and temperature in the Early Childhood Education classrooms, through my experiences as a student during the years I was in basic education and also at the university, and narratives about my experience as a teacher of the Secretariat Municipal Education of Rio de Janeiro. Making a brief historical account of the nursery in Brazil, and from the analysis of documents from the Ministry of Education and the Municipal Department of Education of Rio de Janeiro, talking about the structure of standards for institutions that now serve children in the age range of the nursery. The importance of using outside areas to the development of children, and how precarious the school environment and the environmental discomfort caused by high temperatures influence the behavior and routines of teachers and students.

Keywords: space; heat; childhood education.

INDICE DE SIGLAS

- AEIs** – Agentes de Educação Infantil
- CIEP** – Centros Integrados de Educação Pública
- CRE** – Coordenadoria Regional de Educação
- DCNEIs** – Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
- EDI** – Espaço de Desenvolvimento Infantil
- ENEM** – Exame Nacional do Ensino Médio
- FAETEC** – Fundação de Apoio à Escola Técnica
- IDH** – Índice de Desenvolvimento Humano
- IECD** – Instituto de Educação Carmela Dutra
- LDB** – Lei de Diretrizes e Bases
- MEC** – Ministério da Educação
- PEI** – Professor de Educação Infantil
- PVS** – Pré-vestibular Social
- SMDS** – Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social
- SME-RJ** – Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro
- UFRRJ** – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
- UNIRIO** – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Sumário

Resumo	07
Índice de siglas	08
Introdução	10
Capítulo 1: Quem sou eu? Hoje, uma professora de educação infantil	
1.1: Trajetórias de vida, formação e docência	12
Capítulo 2: Organização do espaço escolar - O que dizem os documentos	
2.1: As DCNEIs	19
2.2: OS Parâmetros Básicos de Estrutura da Educação Infantil (MEC)	21
2.3: A proposta do EDI/SME-RJ	27
Capítulo 3: EDI Professora Beatriz de Souza Madeira	
3.1: Origem	29
3.2: Estrutura	31
3.3: Rotina – Falta Espaço e Sobra Calor	34
Considerações Finais	39
Referências Bibliográficas	41
Anexo A	45

Introdução

Esse trabalho tem como objetivo, mostrar através das minhas experiências ao longo da vida como estudante, e agora como professora a importância dos espaços e das relações que são estabelecidas nele e com ele, para as crianças que frequentam a Educação Infantil, procurando identificar o papel da creche no passado, e como deve ser desenvolvido seu trabalho nos dias atuais. Delineando como a falta de espaço, e o excesso de calor em sala de aula pode influenciar no comportamento, nas relações e nas atividades que professores e crianças realizam no dia-a-dia escolar.

Entendendo que a Educação Infantil como primeira etapa da educação básica, tem grande influência no desenvolvimento das crianças da faixa etária compreendida, é importante que as instituições que atendem a esse público tenham em sua estrutura condições de promover nas pessoas que transitarão nesses espaços, sentimentos de segurança, pertencimento e conforto, facilitando o desenvolvimento de habilidades e de diferentes áreas do conhecimento por meio de um ambiente múltiplo e diversificado.

A vista disso, o primeiro capítulo abordará sobre a minha trajetória escolar desde a Educação Infantil até a Universidade, destacando as minhas memórias concernentes a relação que mantive com os espaços escolares ou não, e como esses influenciaram na minha escolha pela carreira do magistério, e na construção da pessoa que eu sou hoje. Como ingressei na prefeitura, e os questionamentos que essa experiência resultou.

No segundo capítulo, para identificar os padrões estruturais de edificações escolares, e como esses espaços precisam estar organizados para garantir as práticas pedagógicas, analisei as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), os Parâmetros Básicos de Estrutura da Educação Infantil (PBEEI), e a proposta do Espaço de Desenvolvimento Infantil (EDI) da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME/RJ), buscando informações pertinentes ao tema, e que se relacionam com a narrativa das situações que vivencio no meu local de trabalho.

No terceiro capítulo trago um breve relato sobre a história do bairro e a estrutura e dependências do EDI, onde se destaca a localidade em que está situada a unidade educacional na qual se baseia minha experiência profissional nos últimos anos, que devido ao alto nível de violência as rotinas e práticas do EDI muitas vezes necessitam ser alteradas, prejudicando o desenvolvimento das atividades que deveriam ser realizadas com as

crianças, e despertando nos profissionais o medo e a angústia.

Por fim, podemos afirmar que um espaço que outrora era assistencialista, não é capaz de suprir as necessidades pedagógicas da educação infantil, sem passar por mudanças na estrutura e na organização do espaço para que garantam a acessibilidade de adultos e crianças, com necessidades especiais ou não a todos os ambientes da instituição. E que alguns aspectos do entorno são imprescindíveis no momento de planejamento dos locais onde serão construídos futuros espaços educativos, com a finalidade de garantir a segurança de alunos e funcionários, sem que problemas sociais como a violência tão interfiram ainda mais na vida de nossas crianças.

Capítulo 1: Quem sou eu? Hoje, uma professora de educação infantil

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.”

Paulo Freire

1.1: Trajetórias de vida, formação e docência

No verão de 2013, comecei a lecionar numa turma de Maternal II com aproximadamente 30 alunos, em uma sala com um ar condicionado sem funcionar, cinco mesas infantis, onde cada uma acomoda seis crianças, mesa de professor, colchonetes, etc. E comecei a identificar as reações e dificuldades de crianças e adultos para conviver naquele ambiente. Porém a minha relação e percepção do espaço na escola e principalmente na sala de aula começou bem antes, quando ingressei na escola com apenas dois anos de idade por orientação da pediatra, que na época convenceu meus pais com o argumento de que eu precisava conviver com outras crianças. Bendita seja a doutora Magda, pois sem saber fez toda a diferença na minha vida. Primeira neta e também sobrinha de cinco tios bem próximos, e com pais marinheiros de primeira viagem, a superproteção era natural.

Nessa época morava com os meus pais numa casa muito pequena, e a escola foi como o próprio mundo para mim, fazendo com que as professoras indagassem minha mãe a respeito de eu querer fazer sempre tudo correndo.

Quando me remeto a minha primeira infância, lembro-me de alguns ambientes com riqueza de detalhes, como se eu tivesse passado todo o meu tempo ali. A casa de vila dos meus tios, onde no quintal havia outras crianças com as quais eu brincava por horas sobre a sobra de uma imensa amendoeira.

A casa para onde me mudei com os meus pais, que dessa vez possuía um quintal “gigante”, de acordo com a memória de uma criança que brincava na maior parte do tempo sozinha, onde cabia “tudo” o que eu precisava uma piscina de plástico, uma amarelinha que era desenhada diariamente no chão com o giz que eu comprava com as moedas que meu pai

me dava no armarinho que tinha ao lado da minha casa, e um quadro negro que eu recebi de “herança” daquela que na época era minha tia caçula. As fotografias de família mostram que o giz e o quadro já eram meus brinquedos favoritos, dos rabiscos com dois anos de idade até aulas para uma sala lotadas de alunos representados por todas as minhas bonecas da época, onde reproduzia os detalhes mais significativos da relação que eu já identificava de professor versus aluno.

As duas escolas onde fiz a educação infantil eram bem pequenas, como uma espécie de casas adaptadas. A primeira, o Jardim Escola Lua de Cristal, ficava no bairro de Inhaúma, onde meus tios moram até hoje. A outra escola, o Jardim Escola Patinha Prosa, ficava próxima a minha casa no bairro de Honório Gurgel onde morei até os sete anos. Desse momento da minha vida escolar lembro com carinho da escola, dos amigos, das aulas de inglês, dos deveres de casa ora no caderno, ora no livro, que em sua maioria eram “recorte e cole” “pesquise palavras que começam com a letra...”, e das tias/professoras, que eram carinhosas e atenciosas. A imagem dos rostos das pessoas que convivi nesse período são vagas, exceto a minha última professora da Educação Infantil, me recordo de cada traço e expressão do rosto da tia Amarylis que sempre perguntava para a sua turma o que gostaríamos de ser quando crescêssemos, e eu cheia de admiração e sem duvidar respondia: professora.

É incrível como nenhuma das minhas memórias da escola nessa época esteja relacionadas às áreas externas, parquinhos e crianças brincando, correndo, pulando, girando, se sujando. A sala de aula, as mesas, o caderno e o quadro são memórias vivas, o suficiente para me questionar se existia realmente um espaço fora da sala de aula onde as crianças pudessem ficar mais livres, e se existia porque não era utilizado com frequência suficiente para produzir recordações.

Brincar, correr, pular, girar, era coisa que eu fazia fora da escola nas manhãs de sábado depois de acordar cedo e pegar dois ônibus para chegar a Praia da Urca com tios e primos, e só voltar ao fim do dia com as bochechas ardidas do sol, as pernas cansadas e doendo de tanto correr, a roupa cheia de areia depois de horas enterrada, e uma bolsa cheia de conchas para presentear quem ficava em casa.

Nas tardes de domingo na pracinha do bairro, onde balaços e escorregos garantiam um sorriso prolongado no rosto. Ou nas visitas ao imenso gramado da Quinta da Boa Vista

aonde eu chegava com meus pais depois de passar alguns extensos minutos dentro de um trem, e para mim aquele era o maior e melhor lugar do mundo, onde fantasiava sozinha um dia morar naquele imenso quintal verde, que de brinde ainda tinha um jardim zoológico cheio de bichinhos.

Com o fim da Educação Infantil passei a frequentar uma escola municipal que ficava no bairro vizinho, Rocha Miranda. Foi na Escola Municipal Olegário Mariano que estudei da 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental, e as professoras já não eram tão afetuosas, os colegas nem sempre eram tão legais, e brincadeira só na aula de educação física, que eu sempre ficava de fora por não ser habilidosa. Eu frequentemente olhava para as professoras que quase não sorriam e pensava “não quero ser igual a ela”. Salvo a professora da 4ª série que sempre levava músicas para a aula e era muito carinhosa. Foi com essa professora que comecei a perceber que o mundo não ligava muito para os professores, através de relatos de que precisava trabalhar três turnos para pagar as contas e o plano de saúde dos pais, porém, mesmo diante de adversidades, era muito bom ensinar e ser reconhecida. Sair dessa escola me custou muitas lágrimas.

O segundo segmento do Ensino Fundamental fiz em três escolas municipais da zona norte do Rio de Janeiro. A primeira ainda no bairro de Rocha Miranda, e as outras duas no bairro de Quintino, onde eu e meus pais fomos morar numa rua muito comprida e que no final tinha uma imensa ladeira. As salas pareciam cada vez menores, com muitas mesas e cadeiras, e a cada série mais alunos.

As aulas de educação física continuam as mesmas, quase sempre restritas ao futebol para os meninos e vôlei para as meninas, nessa fase eu já não precisava ser excluída, porque eu mesma buscava razões para não participar. Esses esportes nunca me encantaram, eu gostava era das noites e dos fins de semana brincando de queimado, pular corda e elástico, pique-bandeira, pique-esconde, pique-alto, e todos os outros que você conseguir lembrar.

Foi nesse bairro que descobri um novo e imenso quintal, minha rua ficava ao lado da Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC) e foi ali que passei muitos momentos incríveis da minha infância e também da adolescência. Na colônia de férias conhecia outras crianças da mesma faixa etária e participava de diversas atividades durante o dia como natação, dança, corridas, piques, brincadeiras de roda, descer com o papelão sobre um declínio do gramado, jogos em equipe, gincanas. Era tudo imenso e magnífico. Com o

início das aulas a FAETEC continuava sendo meu quintal, apesar de estudar numa escola municipal, na maioria das minhas tardes eu me dividia entre as aulas de ballet e teatro que eram oferecidas gratuitamente a comunidade.

Se aproximando o fim do Ensino Fundamental, e morando ao lado da FAETEC já há alguns anos, o natural seria assim como meus amigos nutrir o desejo de fazer um curso técnico, no entanto não me identificava com nenhuma das áreas que eram ofertadas vagas, mas sabia da importância de fazer um 2º grau (ensino médio) profissionalizante, na época ter uma profissão ao terminar a escola significava para eu conseguir um emprego que custeasse minha futura faculdade. Foi nesse momento que me lembrei do antigo desejo de criança “ser professora” e minha mãe me inscreveu para a prova que seria realizada naquele ano de 2005 para o acesso ao segundo grau normal – formação de professores. Nenhuma das minhas amigas fizeram a mesma escolha, ninguém queria ser professora.

Lembro-me da manhã daquela prova com todos os detalhes possíveis, minha família estava passando por um momento financeiramente complicado e por isso nos mudamos para o Complexo do Alemão no sábado que antecedeu a prova, e muito triste com a mudança não queria mais fazer a prova, mas minha mãe me ‘obrigou’ e aproximadamente um mês depois veio o resultado, aprovada! No ano seguinte ingressei no Ensino Médio Normal no Instituto de Educação Carmela Dutra (IECD).

Trata-se de uma instituição de responsabilidade do Governo Estadual, localizada no bairro de Madureira que forma professores a mais de seis décadas. Uma escola grande, com salas de aulas espaçosas, sala de informática, uma quadra de esportes com arquibancadas, que além de receber as aulas de educação física, era o local onde tradicionalmente as segundas-feiras eram cantadas o hino nacional, e durante o ano era palco de diversos eventos realizados pela escola com participação integral dos alunos, e os familiares eram sempre convidados a prestigiar o trabalho realizado, como as festas juninas e do folclore. Havia ainda um grande auditório, onde ocorriam ocasionalmente palestras e reuniões de responsáveis. E na área externa uma pequena capela recebia as aulas opcionais de religião.

Nessa época o curso tinha duração de 4 anos, e matérias como física, química, biologia, história e geografia no decorrer dos anos iam dando lugar as disciplinas pedagógicas como psicologia, sociologia, filosofia, e as práticas pedagógicas. Entre os murais, matrizes e planejamentos que éramos orientados a confeccionar, ocorriam aulas de

português e matemática. Fomos apresentados a melhor maneira de projetar a voz, métodos e instrumentos pedagógicos, como contar uma história, e nas aulas de educação física nada de futebol e vôlei, as brincadeiras infantis que roubavam a cena. Foi no ensino normal que ouvi pela primeira vez a respeito de Piaget, Montessori e Freinet, e a cada aula eu tinha mais certeza de que havia feito à escolha certa.

No 3º e 4º ano começaram os estágios em educação infantil e no ensino fundamental, em escolas privadas e públicas respectivamente, e nesse momento começaram a surgir inquietações a respeito das práticas de ensino, da relação professor X aluno e da estrutura física que se diferenciava significativamente de uma escola para outra.

Ao iniciar o último ano do Ensino Médio, e já almejando ingressar numa universidade pública, me inscrevi no Pré-Vestibular Social (PVS), oferecido pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro a estudantes de escolas públicas que não pudessem pagar por um preparatório. O curso ocorria todos os sábados em período integral, no espaço de uma escola municipal no bairro da Penha, e lá além dos conteúdos que eram cobrados no vestibular conheci jovens que assim como eu, estavam ansiosos e cheios de dúvidas a respeito da carreira, no entanto os jovens professores/tutores comprometidos e apaixonados pelo trabalho que realizavam deram todo o suporte e apoio necessário fazendo com que eu sáísse dali não apenas com base para realizar uma prova, mas acreditando em mim, nos meus sonhos, e disposta a ir buscar meus objetivos.

No fim daquele ano realizei além dos tradicionais vestibulares de algumas universidades do Estado do Rio de Janeiro, o novo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) que pela primeira vez iria funcionar como uma espécie de vestibular unificado para as universidades federais. E foi utilizando as notas do ENEM que no primeiro semestre de 2010 iniciei o curso de pedagogia na UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, e posteriormente no segundo semestre do mesmo ano optei pela UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, devido à possibilidade de voltar todos os dias para casa.

Como estudante trabalhadora desde o segundo período da graduação na UNIRIO, encontrei dificuldades típicas com relação à rotina pesada, o tempo curto e restrito para atividades acadêmicas, atrasos, professores e chefes aborrecidos com a incompatibilidade de horários, e isso fez com que muitas vezes eu me questiona-se a respeito de que tipo de

profissional eu me tornaria sem a possibilidade de aproveitar todas as oportunidades oferecidas por uma universidade pública, até que entendi e me reconheci na fala de alguns excepcionais professores de que eu não poderia me culpabilizar por isso, e não seria uma profissional “menor” que os demais colegas, contando que aproveitasse ao máximo todo o tempo que tivesse dentro da faculdade, valorizando dos pequenos aos grandes aprendizados e principalmente relacionando sempre a teoria da faculdade com a minha prática na sala de aula, e foi isso o que eu fiz.

Na minha graduação tive contato com muitos profissionais e pesquisadores da área, que me possibilitaram conhecer novas teorias e aprofundar o conhecimento sobre os teóricos apresentados durante o Normal. Através dos discursos e debates em sala de aula adquiri um olhar mais amplo e cuidadoso a respeito da realidade da educação no Brasil. As falas dos colegas que já atuavam enriqueciam as conversas e indicavam a importância dos professores da educação básica estarem dentro da universidade, tendo acesso direto e imediato aos conhecimentos que estão sendo produzidos. Foi na universidade que percebi o quanto o papel do professor muitas vezes é minimizado na sua própria formação, esse profissional não pode acreditar que sua atribuição é unicamente obedecer a ordens e reproduzir com seus alunos práticas que demonstram as relações de poder que influenciam diretamente na estrutura que compõe o processo educacional brasileiro.

Algumas disciplinas foram motivadoras, outras instigantes, mas todas de um modo geral me fizeram optar por atuar na educação pública, buscando uma autonomia que percebi durante os estágios obrigatórios ou não, que em muitas escolas privadas o professor não possui, e também por uma questão de ideal e política de devolver para a sociedade todo o investimento público da minha formação, crendo que a escola pública deve oferecer mais do que vagas, a escola pública deve ser de qualidade, com professores capacitados.

E foi buscando isso que nos meados da graduação me inscrevi para participar do processo seletivo, para professor de educação infantil - PEI no município do Rio de Janeiro. O concurso aconteceu em três etapas: prova objetiva, discursiva e prática, nas quais obtive êxito e em fevereiro de 2013 ingressei na rede e fui lotada num EDI – Espaço de Desenvolvimento Infantil da 6ª CRE – Coordenadoria Regional de Educação, no bairro de Costa Barros.

Quando entrei na Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro como professora regente

de educação infantil, cai numa ‘armadilha’ no momento de escolher a unidade que iria trabalhar, por não conhecer nenhuma das opções com disponibilidades de vaga entre a imensa lista de creches (todas localizadas dentro de comunidades) avistei um EDI, e logo me imaginei trabalhando numa daquelas estruturas maravilhosas que o marketing da prefeitura adora exaltar. No entanto, chegando ao EDI para me apresentar logo percebi que na verdade se tratava de uma estrutura antiga nos padrões de uma creche, cuja nomenclatura foi modificada após passar por pequenas alterações físicas. Encontrei salas pequenas para a quantidade de alunos e moveis disposto, ar condicionado sem funcionar adequadamente, áreas externas que nem sempre há a possibilidade de serem utilizadas devido à violência no entorno, crianças e profissionais suados e irritados pela falta de conforto ambiental.

Nesses quase três anos em que leciono nesse EDI, minhas inquietações em relação ao espaço/temperatura só aumentaram, principalmente por saber que administrativamente trabalho numa sala de aula climatizada, porém, na pratica do dia-a-dia, eu e as crianças nos desmanchamos em suor, e muitas vezes trancados em sala devido à impossibilidade de usar as áreas externas por conta dos frequentes conflitos entre policiais e o crime organizado na região, o que põe em risco a segurança de crianças e adultos que frequentam esse espaço.

Diante dessas situações que tenho vivenciado, e das poucas vezes que o tema foi tratado durante a graduação escolhi dedicar o meu trabalho de conclusão do curso para buscar respostas para as perguntas que venho me fazendo durante os últimos anos. Como o espaço da sala de aula pode ser considerado ideal, se é preciso arrastar mesas e colocar as cadeiras umas em cima das outras para que as crianças possam dormir ou simplesmente realizar uma atividade sentada no chão? Como é pintado no chão um círculo de Montessori se não existe nenhuma possibilidade de arrumação dos moveis sem que esses fiquem sobre o círculo? Qual deve ser a estrutura mínima para um espaço que atende ao público da educação infantil? Como o professor atua quando não tem a estrutura necessária? Para o professor quais são as áreas do desenvolvimento infantil que esses fatores mais comprometem, e qual o grau de insatisfação dos profissionais da área no que diz respeito a estrutura?

Capítulo 2: Organização do espaço escolar - O que dizem os documentos

2.1 DCNEIs – Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

Inicialmente o atendimento em creches acontecia de forma assistencialista e filantrópica, destinando-se basicamente a manter higienizados, seguros, e alimentados os filhos das mulheres pobres que ingressavam no mercado de trabalho e que não encontravam quem cuidasse das crianças durante esse tempo. Ao longo do século XX, por meio de reivindicações sociais por um atendimento de qualidade, essa visão foi mudando até que na Constituição de 1988 a creche é mencionada no art. 208 “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante garantia de: (...) IV – educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade;”. Mencionada com educação na Constituição Federal, a creche começa a transição de espaço assistencialista para um ambiente educacional, deixando assim de ser um direito dos filhos de mulheres pobres e trabalhadoras garantido pelas leis trabalhistas, e tornando-se um direito da criança, indissociável da condição econômica da família.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, 1996) consolidou essa mudança no art. 89 “As creches e pré-escolas existentes ou que venham a ser criadas deverão no prazo de três anos, a contar da publicação desta lei, integrar-se ao respectivo sistema de ensino”. A creche e a pré-escola compõem então a Educação Infantil, que a partir desse momento passa a ser considerada a primeira etapa da educação básica, expandindo-se para todas as crianças e no decorrer dos anos assume papel fundamental na vida das crianças compondo relações sociais e complementando o papel da família para crianças de todas as classes econômicas.

A educação infantil que conhecemos hoje, como ato pedagógico tem como função o desenvolvimento integral da criança, passando pelos campos da linguagem, do conhecimento corporal, da expressão, da socialização e também do sócio afetivo, sensorial, mental e emocional, de forma lúdica e prazerosa. Pensando dessa forma a instituição que atende a esse público caracteriza-se como:

Lugar de socialização, de convivência, de trocas e interações, de afetos, de ampliação e inserção sociocultural, de constituição de identidades e de subjetividades. Lugar onde partilham situações, experiências, culturas, rotinas, cerimônias institucionais, regras de convivência; onde estão sujeitas a tempos e espaços coletivos, bem como a graus diferentes de restrições e controle dos adultos (CORSINO, 2012, p. 74).

Partindo do pressuposto de que o espaço deve favorecer as relações que serão constituídas num local que atende a educação infantil, é necessária a existência de uma estrutura física mínima que garanta a autoria e autonomia de crianças e educadores e contribua para a diversificação de suas possibilidades (GUIMARÃES, 2012).

À vista disso, o espaço e sua organização na educação infantil vem sendo discutido em diversas pesquisas e trabalhos acadêmicos e também planejados e amparados por documentos oficiais com o propósito de subsidiar os municípios e também a rede privada na construção de creches e pré-escolas.

A contar do reconhecimento do atendimento realizado em creches e pré-escolas como dever do Estado com a educação, o segmento da Educação Infantil vem passando por uma imensa reformulação no que se refere às concepções e práticas pedagógicas que são adotadas em espaços coletivos, bem como a estrutura física ideal para essas instituições.

Compreendendo que na primeira infância deve haver garantia de que a criança tenha para além de um desenvolvimento físico/orgânico, um ambiente que favoreça similarmente seu processo emocional, social, afetivo, linguístico e cognitivo. E sempre considerando que o sujeito se constitui através das interações (Vygotsky), a instituição educacional que atende essas crianças necessita de uma estrutura que viabilize a existência de relações agradáveis dos indivíduos com o meio e com seus pares, num ambiente que promova sentimentos de conforto, segurança, acolhimento e pertencimento.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil evidenciam que para alcançar os objetivos da Educação Infantil, as propostas pedagógicas das instituições devem garantir formas de organização do espaço, tempo e materiais para uso coletivo a fim de propiciar uma educação integral, onde não desassocie o cuidar do educar.

Isto posto, as construções internas e externas de creches e pré-escolas devem possibilitar os deslocamentos e movimentos da criança de maneira autônoma, por meio de instalações, móveis e utensílios adequados para o seu tamanho e idade, havendo acesso aos espaços, materiais, objetos e brinquedos por todas as crianças em condições igualitárias.

Pesquisas vêm destacando que as crianças que tiveram acesso a Educação Infantil de qualidade, demonstram mais facilidade e melhores resultados durante o Ensino Fundamental, daí a importância de se investir numa educação de qualidade para todas as crianças desde a creche, o que inclui conjuntamente o espaço construído.

2.2 Parâmetros Básicos de Estrutura da Educação Infantil (PBEEI)

Refletindo a respeito do tempo no quais crianças e os profissionais da educação frequentam as creches e pré-escolas durante o dia, verifica-se que muitos deles passam um número grande de horas nesses espaços, fazendo com que a qualidade, estrutura e acessibilidade desses ambientes interfiram diretamente em suas vidas. Justificando assim a importância de se discutir um parâmetro básico para essas edificações.

Muitos são os fatores que devem ser pensados e observados, durante a construção de instituições que atenderão a educação infantil, a fim de garantir direitos, conforto, e condições para desenvolver um trabalho pedagógico. Primeiro é necessário pensar qual a clientela que aquele espaço irá acolher, para que não ocorra equívocos durante a construção, que futuramente podem interferir nas relações que serão estabelecidas naquele lugar.

As condições do espaço – organização, recursos, diversidade de ambientes internos e ao ar livre, adequação, limpeza, segurança etc. – são fundamentais, mas é pelas relações que os sujeitos estabelecem que o espaço físico deixa de ser um material construído e organizado e adquire a condição de ambiente. Assim, pelas interações, o espaço se qualifica e se torna uma moldura sobre a qual as sensações se revelam e produzem marcas (LIMA, 1988, p. 56, Apud CORSINO, 2012).

Desse modo, não se deve pensar a construção de um espaço educacional somente com um olhar arquitetônico, é preciso que haja uma percepção a respeito da importância e significado que esse local irá produzir nas vidas que diariamente passarão por ali.

Atender as necessidades dos futuros usuários precisa ser uma das principais preocupações durante o planejamento de uma construção. Tendo em vista que o acesso à educação é um direito de todos, igualmente a acessibilidade universal em edificações escolares também é um direito constituído e garantido por lei a todo cidadão. Isso inclui

os alunos, pais e funcionários de creches e escolas públicas. ([Lei nº 10.098, 2000](#), Cap. IV, Art. 11.) A construção, ampliação ou reforma de edifícios públicos ou privados destinados ao uso coletivo deverão ser executadas de modo que sejam ou se tornem acessíveis às pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida.

Os locais onde as crianças passam a maior parte do tempo (sala de atividades) precisa de uma atenção especial, com o intuito de um bom desenvolvimento e de incorporar os valores culturais das crianças, sua família e o local que reside, é importantíssimo que o professor tenha condições de organizar e reorganizar os espaços junto com as crianças, para que ocorra uma exploração ampla do ambiente no qual convivem, mudando sempre que necessário o que já havia sido planejado.



Foto 01: crianças lendo jornal na sala de atividades

A existência ou não de espaços diversificados influem nas práticas e rotinas pedagógicas de todos os segmentos da educação básica, entretanto na Educação Infantil essa interferência é evidenciada de maneira mais ampla, se considerarmos que nessa faixa etária as crianças criam, experimentam e constroem conhecimentos através das experiências e interações que vivenciam. Tal como destaca os Parâmetros de qualidade da educação infantil (2006):

Crianças expostas a uma gama ampliada de possibilidades interativas têm seu universo pessoal de significados ampliado, desde que se encontrem em contextos coletivos de qualidade. Essa afirmativa é considerada válida para todas as crianças, independentemente de sua origem social, pertinência étnico-racial, credo político ou religioso, desde que nasçam (PBEEI, 2006, p.15).

O entorno da construção também precisa ser observado no que se refere ao acesso e distância percorrida pelos alunos até o local, trânsito e atividades vizinhas que possam causar dificuldades para se chegar à instituição seja andando, de carro ou transporte coletivo, e da mesma forma acerca da segurança das pessoas que ali serão recebidas.

O estudo sobre o entorno, deve ainda ser visto como meio de garantir o conforto ambiental dos indivíduos, dentro do espaço que será construído. Esse conceito de conforto ambiental divide-se em: térmico, acústico, visual e qualidade do ar. (BLOWER; AZEVEDO; 2008). Os materiais e as técnicas utilizadas no momento da construção, a posição de janelas e portas, devem ser compatíveis com o clima da região aonde a instituição irá funcionar.

A ausência de conforto térmico nas salas de atividades é uma reclamação recorrente dos profissionais da educação que atuam numa cidade onde o clima é quente durante a maior parte do ano, e no momento do planejamento e da construção dos prédios não houve uma seleção de materiais compatíveis com o clima, nem foram previstos elementos estruturais de controle da influência do sol, e em muitas dessas salas a falta de ventilação natural é absurda, interferindo não apenas no conforto térmico, como ainda na salubridade e impedindo a renovação do ar dentro da sala.



Foto 02: crianças participam da roda de conversa sem uniforme por causa do calor na sala de atividades

As áreas externas tornam-se cada dia mais cruciais nas creches e pré-escolas situadas em áreas urbanas, onde com o passar dos anos uma parcela grande as crianças moram em casas e apartamentos cada vez menores, e a maioria sem um quintal ou espaço amplo de recreação, e também estão sendo impossibilitadas de brincarem, correrem e explorarem a rua como seus pais um dia o fizeram, devido ao crescente índice de violência e criminalidade das grandes cidades.

Então, é a escola com suas áreas externas, que em muitos casos terá o papel de proporcionar a essas crianças do sec. XXI a vivência de um espaço ao ar livre, que possibilite uma vasta movimentação, a exploração do ambiente, o brincar coletivo e sempre que possível o contato com a natureza para que elas ampliem sua leitura do mundo.

- A valorização dos espaços de recreação e vivência vai incrementar a interação das crianças, a partir do desenvolvimento de jogos, brincadeiras e atividades coletivas, além de propiciar uma leitura do mundo com base no conhecimento do meio ambiente imediato. O próprio reconhecimento da criança de seu corpo (suas proporções,

possibilidades e movimento) poderá ser refinado pela relação com o mundo exterior.

- A interação com o ambiente natural estimula a curiosidade e a criatividade. Sempre que for possível, deve-se prover um cuidado especial com o tratamento paisagístico, que inclui não só o aproveitamento da vegetação, mas também os diferentes tipos de recobrimento do solo, como areia, grama, terra e caminhos pavimentados (PBEEI, 2006, p. 26-27).



Foto 03: crianças brincam de amarelinha no pátio descoberto



Foto 04: crianças brincam com terra

Os parâmetros indicam que crianças menores necessitam de um espaço claramente delimitado, pois um ambiente muito amplo pode facilitar a dispersão do grupo. Todavia conforme elas vão crescendo esses ambientes devem ser ampliados, para que ocorra uma melhor exploração e desenvolvimento físico-motor, essas áreas precisam ser seguras e acolhedoras, mas sem restringir as possibilidades e a criatividade das crianças.

Nos ambientes internos e externos o mobiliário deverá ser compatível com a idade das crianças, e nas áreas de recreação dispor de brinquedos soltos para que a criança crie, recrie e imagine situações enquanto brinca esses preferencialmente serão destinados a diversas faixas etárias, e variadas áreas do desenvolvimento infantil, no entanto sempre que existir brinquedos fixos, esses devem passar por manutenções regulares e seguir as normas legalmente estabelecidas pela categoria. As salas de atividades quando amplas permitem serem organizadas por seções onde serão realizadas diferentes atividades, ocasionando em muitos ambientes num mesmo espaço. Espaços como o do refeitório é fundamental que haja uma boa ventilação, ambiente bem higienizado e mobília de acordo com o momento da refeição das crianças e também dos adultos que irão utilizar-se do local.

Diante disto, evidencia-se que para construir creches e pré-escolas segundo os parâmetros básicos de estrutura para a Educação Infantil, é primordial que haja uma

concordância entre os conceitos, estudos e teorias das áreas da arquitetura e pedagogia, com a finalidade de ampliar a qualidade da educação (BELTRAME; MOURA, 2009).

2.3 A PROPOSTA DO EDI – Espaço de Desenvolvimento Infantil / SME-RJ

Justificando pensar a Educação Infantil com maior zelo, a atual gestão da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro através da Secretaria Municipal de Educação (SME-RJ) criou o Espaço de Desenvolvimento Infantil – EDI, cujo objetivo principal é construir uma base sólida para o ensino básico, buscando resultados satisfatórios em toda vida escolar da criança.

Dessa forma, a SME-RJ está agrupando no mesmo local a creche (crianças de 0 a 3 anos) e a pré-escola (crianças de 4 e 5 anos), pois acredita-se que frequentando toda a Educação Infantil numa mesma instituição é possível atender as necessidades da criança, além de fomentar a sensação de pertencimento, e observar o desenvolvimento das crianças de maneira mais clara com o intuito de buscar estratégias para melhor atender os alunos.

A proposta do EDI destaca a presença de profissionais da área em todas as turmas, com formação mínima de Ensino Médio na modalidade Normal – Formação de Professores, por meio do cargo de Professor de Educação Infantil – PEI criado pela prefeitura no ano de 2010. O PEI atuando nessa estrutura tem como função mediar o desenvolvimento das habilidades sociais das crianças, possibilitar diversas situações de aprendizagem, estimular a criatividade, imaginação e interesse infantil pelo mundo em que vive.

Para isso o professor pode contar com o auxílio das Orientações Curriculares para a Educação Infantil, publicado também no ano de 2010 pela SME-RJ foram desenvolvidas para amparar o trabalho pedagógico, e destacar a importância das rotinas e do planejamento de atividades diversificadas de acordo com a faixa etária da Educação Infantil. Esse profissional e toda a equipe que compõe o quadro de funcionários dessa instituição precisam considerar também as questões individuais através de práticas de saúde, educativas e sociais.

O Modelo Conceitual e Estrutura do EDI prevê a disponibilidade de materiais e livros apropriados para a faixa etária das crianças atendidas nesse espaço, com o objetivo

de facilitar e possibilitar o desenvolvimento e aprendizagem das crianças como sujeitos de direitos, e que possuem necessidades específicas.

Para ingressar numa dessas instituições, os responsáveis devem procurar a unidade pretendida durante o período pré-estabelecido pela SME, preencher cadastro e aguardar até a data do sorteio público, quando se saberá quais as crianças foram contempladas com a vaga. As crianças que estiverem matriculadas nos EDI's serão atendidas em período integral, com o propósito de cuidá-las e educá-las nesse período. Todavia a inserção da criança num ambiente educacional, não transfere à responsabilidade, a importância, a influência afetiva e social da família na vida dos seus filhos, a instituição é criada para ser o segundo meio social que a criança irá frequentar, e onde ela também deve se sentir acolhida, formando assim uma parceria positiva entre família-escola.

No que se refere a estrutura física os principais pilares do EDI são: a *Sala de Primeiros Atendimentos* onde agentes de saúde irão trabalhar atendendo situações de primeiros socorros diariamente, acompanhando e registrando o crescimento/desenvolvimento das crianças, organizando fichas individuais de saúde, e quando necessário encaminhar para o atendimento especializado se houve um diagnóstico inicial. E a *Biblioteca Infantil* que se constitui como recurso central para alcançar as metas educacionais e pedagógicas, assim sendo nela serão disponibilizados livros de diferentes tipos e assuntos, além de TV, DVD, máquinas fotográficas, etc. O profissional responsável por esse espaço tem como responsabilidade propor atividades para as crianças, conhecer as turmas para que em parceria com o professor organize o canto dos livros ou da leitura e a alternância dos materiais em cada sala.

Por fim é compromisso do EDI, tendo como princípio educativo o brincar e a valorização do faz de conta, dispor de brinquedos e materiais adequados a idade das crianças atendidas, equipando as salas com brinquedos como: blocos e jogos de encaixe, quebra-cabeça e dominós, fantasias, roupas, sapatos, panelinhas e outros objetos que compõe o dia-a-dia familiar, materiais de artes com variedade de papeis e lápis, carrinhos e bonecas, etc.

Capítulo 3: EDI Professora Beatriz de Souza Madeira

3.1 Origem

O Espaço de Desenvolvimento Infantil Professora Beatriz de Souza Madeira está localizado na Rua Darwin Brandão s/nº na divisa entre as comunidades da Pedreira e da Lagartixa no bairro de Costa Barros, zona norte da Cidade do Rio de Janeiro. Esse bairro teve origem na fazenda que ocupava essa mesma região e pertencia a família Costa Barros.

Com o passar dos anos a população do bairro cresceu em quantitativo, porém a qualidade de vida na localidade não acompanhou esse crescimento, e ainda é possível observar ao transitar pelas ruas o esgoto a céu aberto, falta de pavimentação, problemas com abastecimento de água e grande quantidade de lixo em diferentes pontos, fazendo com que o bairro ocupe a segunda pior colocação no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) na Cidade do Rio de Janeiro. A consequência disso é que hoje Costa Barros é caracterizada, além dos conjuntos habitacionais construídos na região, pela crescente criminalidade ao longo dos anos, onde as comunidades localizadas no bairro sofrem forte influência do tráfico de drogas, que resultam em frequentes tiroteios e altos índices de roubos nesta região da cidade.

Hoje, o EDI Professora Beatriz de Souza Madeira, outrora Creche Municipal Berço do Futuro atende as crianças da comunidade a mais de uma década, ainda sobre a administração da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social – SMDS, que comandou instituições deste perfil até o ano de 2001 quando o decreto municipal 20.525 de 14 de setembro determinou que progressivamente todas as creches sob responsabilidade da SMDS, passassem para a supervisão da Secretaria Municipal de Educação – SME, com objetivo de cumprir o que diz a constituição de 1988 e a LDB/1996 que entendem o atendimento oferecido as crianças de 0 a 5 anos como parte da educação básica, e por isso a necessidade de esse tipo de instituição compor o quadro de competências da Secretaria Municipal de Educação.

A relação da instituição com a comunidade é de proximidade, e um dos fatores que contribuem para isso, é a maior parte do quadro de funcionários serem de terceirizados e moradores da região. Com decorrer do tempo a creche conquistou o respeito e a confiança

dos moradores, através de um trabalho realizado com excelência, fazendo com que gerações de uma mesma família fossem atendidas ou viessem a trabalhar neste local.

Porém, não é só a creche que tem influenciado o seu entorno, o entorno também interfere na rotina de funcionários e alunos que ao longo dos anos de maneira negativa por conta do aumento da influência do tráfico de drogas na região. Em dias de operações policiais, quando ocorrem confrontos com criminosos, adultos e crianças ficam em situação de risco, despertando sentimentos como o medo e a angústia.

Segundo relato de funcionários, o pior confronto que vivenciaram ocorreu no ano de 2011, quando houve trocas de tiros durante mais de uma hora seguida e parte dele ocorreu em frente à creche, e junto com as crianças esses passaram momentos que denominaram de “pânico”. Esse fato resultou na recusa, por parte de professoras concursadas, em voltar a trabalhar nessa região, fazendo com que as aulas da creche fossem transferidas para um espaço cedido pela direção do CIEP Zumbi dos Palmares, que fica a poucos minutos da área onde ocorreu o referido tiroteio, como destacou a reportagem publicada pelo Jornal Extra Online no dia 13 de junho de 2011. Com o fim do ano letivo e após passar por alguns reparos na estrutura à creche voltou a funcionar no seu antigo prédio, mas dessa vez apenas com o trabalho de funcionários terceirizados e moradores da localidade.

Nesse mesmo período a instituição passou a ser denominada EDI Professora Beatriz de Souza Madeira, em homenagem a diretora anterior que havia falecido há pouco tempo, sendo oficializada a mudança no Decreto nº 35.230 de 12 de março de 2012, aonde o então prefeito Eduardo Paes incluiu na estrutura organizacional da Secretaria Municipal de Educação o EDI Professora Beatriz de Souza Madeira, e neste mesmo decreto excluiu dessa estrutura a Creche Municipal Berço do Futuro.

No mesmo ano, a prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro realizou novo concurso para preenchimento do cargo de PEI em regime estatutário, e sem a disponibilidade de vagas em creches e EDI's fora das comunidades esses profissionais voltaram a ser lotados no ano seguinte, no mesmo local que há pouco mais de um ano seus colegas de profissão lutavam para sair.

3.2 Estrutura

Hoje o EDI atende aproximadamente 180 crianças com idade entre 6 meses e 4 anos, divididas em sete turmas, sendo três turmas de Berçário (duas em horário parcial, e uma em horário integral), duas turmas de Maternal I e duas turmas de Maternal II todas em horário integral. E contam com 47 funcionários entre diretores geral e adjunto, professores, AEI's (Agente de Educação Infantil), e também compõe o quadro os terceirizados exercendo as funções de auxiliar de creche, merendeira e auxiliar de serviços gerais.

Mantendo o mesmo padrão de estrutura do período de administração da SMDS, sofrendo poucas alterações ao longo de sua história, o EDI no primeiro andar dispõe de:

- Pequeno hall de entrada, que possui um ventilador de parede, TV, rádio e DVD para serem utilizados em atividades pertinentes com as crianças. É nesse espaço que acontecem as festividades e apresentações das crianças referentes a projetos realizados no EDI
- Sala de direção, com dois computadores, copiadora, impressora e fax
- Pátio descoberto, com escorregador e casas de bonecas
- Parque infantil, com brinquedos como piscina de bola e gangorras
- Cozinha, equipada com fogão e forno industriais, geladeira e freezer, e todos os utensílios necessários para o preparo das refeições das crianças e também do almoço servido aos funcionários.
- Área verde/Horta
- Despensa, para armazenamento dos alimentos utilizados no preparo da merenda
- Refeitório, com móveis adequados ao tamanho das crianças, mas também utilizado pelos adultos na hora do almoço
- Banheiro dentro do prédio
- Banheiro infantil, com fraldário e chuveiro
- Duas salas de berçário
- Dois pequenos almoxarifados, para armazenar diferentes materiais para serem utilizados por professores e alunos, como papeis, cola, tintas, lápis, EVA. E também para guardar materiais de limpeza e de uso coletivo como papel higiênico e papel toalha



Foto 05: crianças dançam equilibrando bola na testa, no hall de entrada

Para chegar ao segundo andar é preciso subir dois pequenos lances de escada, até encontrar:

- Sala de leitura, como uma grande variedade de livros infantis ou não, dispostos em prateleiras de diferentes tamanhos e alturas, com um ventilador de parede e cadeiras em tamanho adequado para as crianças
- Sala lúdica, com mesas com bancos acoplados em tamanho adequado para as crianças, jogos de quebra-cabeça, bonecos de pano e fantasias
- Banheiro para funcionários
- Dois banheiros infantis, com chuveiro
- Quatro salas de aula, com mesas e cadeiras adequadas ao trabalho das crianças, mesa e cadeira de professor, armários embutidos na parede, armários móveis, ar condicionado e ventilador, TV e DVD, colchões usados na hora do descanso das crianças, brinquedos, e materiais pedagógicos produzidos pela equipe como, chamadinha, calendário, janelinha do tempo, aniversariantes do mês, espaço da leitura, espaço da matemática, alfabeto, etc.



Foto 06: crianças contam histórias na sala de leitura

As três turmas de berçário são alocadas nas duas salas de atividades do primeiro andar, no entanto quando precisam utilizar os espaços da sala lúdica e da sala de leitura, tem seu acesso dificultando devido à idade das crianças e a única forma de acesso ser por meio de uma escada. Onde muitas crianças estão aprendendo a andar e não tem condições de subir a mesma, necessitando do auxílio de funcionários de outras turmas para locomover todas as crianças para o andar de cima.

O EDI conta com acesso a internet discada, água filtrada, energia elétrica e esgoto da rede pública, e o lixo da instituição é destinado à coleta regularmente.



Foto 07: fachada do EDI, ainda com o antigo nome

O prédio em questão imita o formato de uma arca, fazendo com que as quatro salas de atividades do segundo andar percam espaço útil, devido às paredes irregulares que formam ângulos que dificultam a organização dos móveis.

3.3 Rotina - Falta Espaço e Sobra Calor

O calor e a falta de espaço são reclamações frequentes dos professores de Educação Infantil, os quais nem sempre conseguem executar a atividade planejada devido ao mal-estar causado nas crianças e também nos adultos, pela alta temperatura que eleva os níveis de estresse e irritação em razão do desconforto ambiental.

Ouvir dos seus alunos um pedido, que pode ser visto como uma súplica para tirar suas blusas, ressaltando que estão muito suados, acompanhado da sugestão “Vamos lá embaixo (no pátio) tomar banho de borracha”, e quando não posso atender ao pedido devido a frequente falta de água que tem assolado a comunidade desde o início do ano, fico com o meu coração partido.



Foto 08: crianças realizam atividade apenas de calcinha por causa do calor

No início deste ano letivo após recorrentes queixas dos profissionais que atuam diretamente com as crianças a respeito do calor excessivo nas salas de atividades durante o verão, que deixam as crianças inquietas e irritadas, chegaram ao EDI alguns ventiladores de parede para que fossem instalados no hall de entrada, no refeitório, na sala de leitura e na sala lúdica, e também nas salas de atividades, que apesar de equipadas com aparelhos de ar condicionados esses em sua maioria não funcionam de maneira adequada, ou sequer funcionam para garantir o conforto térmico nesses espaços.

O prédio é antigo, e por isso é de fácil percepção os problemas causados pelo tempo a sua estrutura, tais como, infiltrações e rede elétrica com capacidade baixa, no entanto, não são apenas os problemas causados pelo tempo que mobilizam e preocupam os profissionais que atuam nesta unidade educacional, do mesmo modo o fato de o prédio não se enquadrar nas normas de acessibilidade, não possuindo portas largas nos acessos a nenhum dos ambientes, a não existência de uma rampa de acesso ao segundo andar, os banheiros infantis e de funcionários que não possuem nenhuma estrutura que permita que uma pessoa com necessidades especiais utilize-os sem depender do auxílio de terceiros.

Efetivamente, alguns espaços não são adaptados sequer para os adultos que trabalham na instituição, e não possuem necessidades especiais ou dificuldades de

locomoção, como o refeitório que apesar de ter sido projetado 'para as crianças, na ausência de outro ambiente com tal função, também é utilizado pelos adultos na hora do almoço, fazendo com que num horário de extrema importância durante o dia para todos os trabalhadores, os mesmos se acomodem desconfortavelmente em cadeiras e mesas infantis.



Foto 09: crianças comem fruta depois do almoço no refeitório

Atentando para as salas de aula, que são pequenas se comparadas ao número de alunos por turma (em média 25 crianças), aos móveis e materiais que precisam ser guardados e/ou dispostos nesse mesmo espaço, e mantendo o objetivo de garantir para as crianças outras possibilidades, que lhes permitam realizar atividades corporais que o leve ao conhecimento do próprio corpo, identificando suas capacidades motoras, não é proveitoso que passem a maior parte do tempo em uma sala quente, aonde a todo o momento esbarra-se em algum móvel, estejam as crianças andando, dançando ou simplesmente brincando de roda.

Nesse sentido as áreas externas deveriam suprir tais necessidades, contudo a ausência de um espaço coberto impede a utilização desses ambientes em dias de chuvas. Nos dias de confrontos na comunidade, que não são raros, as crianças também ficam impossibilitadas de usufruírem desses espaços, devido ao risco eminente para a vida de

alunos e funcionários, que acabam ficando restritos apenas ao uso das salas de atividades.



Foto 10: crianças deitadas no chão durante intenso tiroteio

A ausência de espaço e a importância deste para a rotina das crianças, pode ser observada por meio da fala dos meus alunos que tem entre 3 e 4 anos, que me perguntam depois de pouco mais de uma semana sem frequentar nenhuma das áreas externas, *“Tia hoje a gente pode ir para o pátio brincar de correr?”*, e quando obtém como resposta, que outro dia iremos, porque hoje vamos brincar na nossa própria sala, outra criança completa dizendo *“Porque hoje está perigoso e soltou tiro né tia?”*, seguida de uma outra pergunta, feita por uma terceira criança *“O caveirão (Nome popular do veículo blindado utilizado pelo Batalhão de Operações Policiais Especiais da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro.) está aí?”*.

Esse tipo de situação me faz questionar, o fato de que a anos essa região vem sofrendo com a violência, então por que construir um prédio com a finalidade de receber crianças no meio de uma zona de conflito, que como um pavio de pólvoras explode a qualquer hora do dia. Por que não buscaram um espaço que atendesse as crianças da comunidade sem expô-las ao risco.

As crianças que estão matriculas no EDI moram com suas famílias em residências

que mantém o mesmo padrão, apartamentos dos conjuntos habitacionais próximos, ou pequenas casas com poucos cômodos, uma sobre a outra, e quase sempre sem quintal. A ausência de opções de lazer na comunidade, e o brincar na rua ser um ato arriscado, por estarmos tratando de uma das áreas mais perigosas da cidade, destaca a importância do espaço escolar permitir experiências/vivências que atendam às necessidades e explorem as capacidades das crianças através da relação com o espaço.

Considerações Finais

Refletir e escrever sobre questões que permeiam a minha rotina e dos meus colegas, foi um exercício necessário para que eu pudesse compreender o porquê da falta de estrutura que atinge unidades escolares de Educação Infantil, uma vez que, muitos desses espaços quando foram projetados tinham como meta acolher crianças na mesma faixa etária que hoje continuam a serem atendidas no EDI, porém anteriormente apenas em caráter assistencialista, a estrutura não irá abrigar de forma satisfatória sem passar por claras mudanças estruturais, um ambiente que atualmente é educacional e, portanto o espaço deve facilitar e possibilitar as práticas pedagógicas.

Os documentos nacionais e municipais que abordam o tema são resultados de discussões e pesquisas voltadas para a área, e além aclarar como deve ser construído um espaço destinado a esse segmento da educação básica, traz ainda orientações aos professores que tem como atribuição a organização dos espaços adequando-os a realidade das crianças, e similarmente a estrutura e recursos disponíveis na unidade educacional que atua, na tentativa de minimizar os transtornos causados por uma estrutura precária ao desenvolvimento das crianças matriculadas em turmas de Educação Infantil.

Certas mudanças e adequações na estrutura já existente resultariam em um espaço acessível, lúdico, amplo e harmonioso, se obras fossem realizadas projetando atender todas as pessoas com iguais condições acesso, independentemente de suas necessidades especiais ou de locomoção.

A construção de áreas destinadas a guardar materiais que não são utilizados durante as atividades, mas que ocupam um espaço precioso nas salas, como por exemplo, os colchões onde as crianças deitam na hora do descanso, para que haja mais espaço livres para serem utilizados pedagogicamente por professores e alunos. Manutenção periódica e quando necessária substituição dos aparelhos de ar condicionados, porque apesar da medida paliativa de instalar ventiladores nas salas, esses não conseguem manter o ambiente com a temperatura agradável nos dias quentes, que independem do verão na cidade do Rio de Janeiro. Além de precisarem ser desligados sempre que as crianças realizam alguma atividade com materiais que são facilmente espalhados pelo vento, atrapalham o desenvolvimento de alguns trabalhos.

No que se refere a não utilização das áreas externas, por conta da violência no entorno, essa é uma situação que no momento foge das competências dos profissionais da educação, e até mesmo da sua secretaria. Todavia é um fator que deve ser determinante escolha dos locais de futuras construções de unidades escolares, para que a segurança de alunos e funcionários possa ser garantida.

Nesse caso específico, depois de mais de dois anos observando a comunidade na qual trabalho como docente acredito que o EDI estaria mais bem alocado na entrada da comunidade, aonde os tiroteios acontecem com menos intensidade, e desse modo continuaria a atender as crianças que moram nas proximidades. Essa é a percepção daqueles que já passaram por momentos apavorantes e extremamente angustiantes, pois trabalham num local aonde se encontram em quase todas as salas de atividades marcas de tiros, e em momentos de intensos tiroteios esses profissionais se veem como responsáveis em proteger 25 vidas além da sua. Muitos são os dias nos quais as atividades previamente planejadas pelos professores são substituídas pela tentativa de consolar várias crianças ao mesmo tempo, quando na verdade existem momentos que são os próprios profissionais que precisam ser consolados.

Diante da realidade apresentada, e sem previsão de mudanças, cabe a nós professores explorar ao máximo, os espaços disponíveis buscando meios de torna-los atrativos e prazerosos para essas crianças que passam muitas horas do dia dentro das creches da rede pública municipal do Rio de Janeiro.

Referências Bibliográficas:

ALVES, N.; GARCIA, R. L. (Orgs.) O Sentido da Escola. Petrópolis: DP et Alii, 2008.

BARBOSA, M. C. S. Rotinas na Educação Infantil. São Paulo: Artmed, 2006.

BRASIL. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil (DCNEI). Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Parâmetros básicos de infraestrutura para instituições de educação infantil. Brasília: MEC, SEB, 2006.

BRASIL. Parâmetros nacionais de qualidade para a Educação infantil. MEC, SEB, Brasília, 2006.

BRASIL. Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Regulamentação da acessibilidade.

BLOWER, H. C. S.; AZEVEDO, G. A. N. A Influência do Conforto Ambiental na Concepção da Unidade de Educação Infantil: uma visão multidisciplinar. Espaço sustentável Inovações em Edifícios e cidades, 2008.

BELTRAME, M. B.; MOURA, G. R. S. Edificações escolares: infraestrutura necessária ao processo de ensino e aprendizagem. Travessias (UNIOESTE. Online), v. 3, p. 1-15, 2009.

CORSINO, P. Pensando a infância e o direito de brincar. Salto para o Futuro. TV Escolas serie Jogos e brincadeiras: desafios e descobertas. 2003. Acesso: <http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2003/jbdd/teimp.htm>.

CORSINO, P. Educação Infantil no município do Rio de Janeiro: um breve histórico. Revista Sinpro-Rio. Sindicato dos Professores do Município do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, n. 3, jun. 2008.

CORSINO, P. (Org.) Educação Infantil: cotidiano e políticas. Campinas - SP: Autores Associados, 2012.

DIDONET, V. Creche: a que veio... para onde vai... Em Aberto, Brasília, v. 18, p. 73, p. 11-28, jul. 2001.

EXTRA (Jornal). Violência pode fechar creche municipal em Costa Barros. Disponível em: <http://extra.globo.com/casos-de-policia/violencia-pode-fechar-creche-municipal-em-costa-barros-2031147.html#ixzz3eV6PYhAq>. Acesso em 5 de junho de 2015.

FREINET, C. Pedagogia do Bom Senso. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FREIRE, P.; SCHOR, I. Medo e Ousadia. O Cotidiano do Professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, M. O. G. O Perfil dos Professores de Educação Infantil da Cidade do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), 2013.

GUIMARÃES, D. Educação Infantil: espaços e experiências. São Paulo: Autores Associados, 2009.

LOPES, J. J. M.; MELLO, M. B. (Orgs). O jeito de que nós crianças pensamos sobre certas coisas - dialogando com lógicas infantis. Rio de Janeiro: Rovel, 2009.

LOPES, J. J. M. Geografia da Infância: Contribuições aos Estudos das Crianças e suas Infâncias. Revista Educação Pública, v. 22, nº49/1, maio/ago, Cuiabá, 2013.

KRAMER, S.; NUNES, M. F. R.; CORSINO, P. Políticas Públicas Municipais de Educação Infantil: Um Balanço da Década. 34º Reunião Anual da ANPED, Natal-RN. Texto

Completo. Educação e Justiça Social, 2011.

KRAMER, S.; ROCHA, E. A. C. (Orgs.) Educação Infantil: Enfoques em Diálogo. Campinas: Papirus, 2011.

KRAMER, S.; NUNES, M. F.; CARVALHO, M. C. (Orgs.) Educação Infantil: Formação e Responsabilidade. Campinas: Papirus, 2013.

NASCIMENTO, M. L. B. P. A Infância como Fenômeno Social. Revista Educação. (Edição Especial Educação). Cultura e Sociologia da Infância. A Criança em Foco. Editora Segmento. 2012.

OLIVEIRA, Z. M. R. Construção da Identidade Docente: relatos de educadores de educação infantil. Cadernos de Pesquisa, v. 36, n. 129, p. 547-571, set./dez. 2006.

OLIVEIRA, Z. M. R. Educação Infantil: fundamentos e métodos. (Docência em Formação). São Paulo: Cortez, 2008.

OSTETTO, L. E. (Org.) Educação Infantil: saberes e fazeres da formação de professores. Campinas - SP: Papirus, 2008.

SARMENTO, M.; GOUVEA, M. C. S. (Orgs.). Estudos da Infância: Educação e Práticas Sociais. Petrópolis - RJ: Vozes, 2008.

SME-RJ. Espaço de Desenvolvimento Infantil (EDI): Modelo conceitual e estrutura. Rio de Janeiro, 2010.

SME-RJ. Decreto nº 20.525, de 14 de setembro de 2001. Transfere o atendimento de educação infantil da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social para a Secretaria Municipal de Educação. Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro.

SME-RJ. Decreto nº 35.230, de 12 de março de 2012. Dispõe sobre a estrutura organizacional da Secretaria Municipal de Educação. Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro.

SOUZA, D. B.; FARIA, L. C. M. (Orgs.) Desafios da Educação Municipal. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2003.

TARDIF, M. Saberes Docentes & Formação Profissional. Petrópolis - RJ: Vozes, 2008.

VASCONCELLOS, V. M. R. (Org.) Educação da Infância: história e política. Niterói - RJ, EdUFF, 2011.

ANEXO A: FOTOS



Foto 11: crianças se refrescando tomando banho de borracha



Foto 12: criança brinca de se equilibrar na corda na sala de atividades, ao fundo é possível ver cadeiras sobre as mesas na tentativa de ampliar o espaço para realizar a atividade



Foto 13: crianças almoçam na área externa, no dia da Festa Julina. Em dias de festa o refeitório é arrumado para receber a mesa do bolo e doces



Foto 14: escrita a partir da fala das crianças, sobre o que mais gostaram no passeio para o Jardim Zoológico



Foto 15: crianças brincam no pula-pula na festa do dia das crianças. O brinquedo precisou ser instalado dentro de uma das salas do berçário, por não haver espaço suficiente para ser instalado no pátio



Foto 16: crianças participam de piquenique no pátio descoberto



Foto 17: crianças posam para foto na sala de atividades, e no fundo é possível observar os colchões que são utilizados na hora do descanso



Foto 18: criança brinca de acerte o alvo no parque infantil

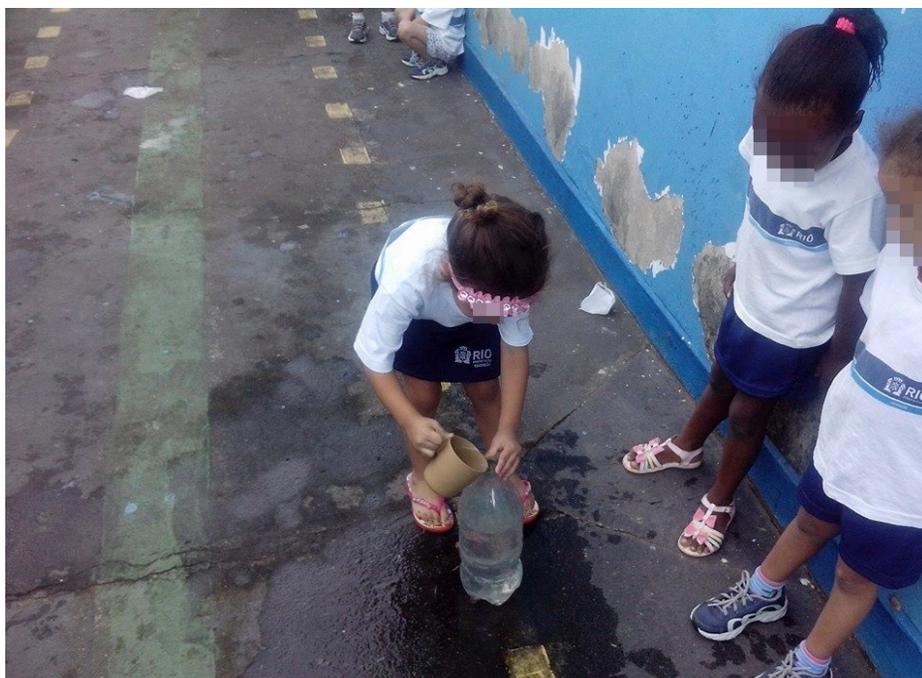


Foto 19: crianças brincam de encher a garrafa com água no pátio descoberto



Foto 20: crianças brincam de bambolê na sala de atividades, ao fundo mesas sobrepostas umas na outra para abrir espaço na sala e possibilitar a brincadeira



Foto 21: crianças brincam com bola de gás no hall de entrada



Foto 22: crianças desenham na sala lúdica